

8. TRABALHOS COMPLETOS: EIXO 2 - AVENTURA E ASPECTOS BIOPSICOSSOCIAIS

SLACKLINE NA UNIVERSIDADE: ESPAÇO, AVENTURA E SOCIABILIDADE

Cinthia Lopes da Silva^{1, *}, Gisele Maria Schwartz

(¹Universidade Federal do Paraná/Departamento de Educação Física, Rua Cel. Francisco Heráclito dos Santos, Jardim das Américas, Curitiba, Paraná, CEP 81531-980, Brasil; ^{*}Autor de correspondência: cinthialopes@ufpr.br)

RESUMO

Não é comum referências da prática de slackline nas universidades e como atividade do contexto do lazer direcionada a acadêmicos de Educação Física, devido às tradicionais características desse ambiente, com predominância de atividades formativas e obrigatórias. No sentido de superar esse padrão, este estudo objetivou analisar a potencialidade do slackline como atividade de extensão universitária, voltada para acadêmicos de EF – Bacharelado e Licenciatura, de uma instituição do sul do Brasil. O estudo qualitativo aliou revisão de literatura e pesquisa exploratória, por meio de observações assistemáticas da prática de slackline na universidade. A amostra de 15 participantes foi distribuída em três sessões de prática. Os resultados apontaram que a prática do slackline: 1) configurou-se como um espaço não-específico de lazer, 2) proporcionou aos estudantes a aventura de aprender a andar sobre a fita e demonstrar novas habilidades e 3) constituiu-se como ponto de encontro para as trocas sociais, amplificando a sociabilidade.

Palavras-chave: Slackline; Aventura; Sociabilidade.

INTRODUÇÃO

A universidade é um ambiente tradicionalmente de formação e de obrigatoriedade para os acadêmicos que participam dos cursos de graduação, para terem uma profissão. É comum as universidades terem espaços em que a sociabilidade e o encontro entre os sujeitos são possíveis, como lanchonetes, quiosques, restaurantes, ou mesmo, de serem oferecidas oportunidades de organização de eventos sociais, como festas, ou campeonatos de modalidades esportivas, que podem atender a essas finalidades. No entanto, no caso da Universidade Federal do Paraná, campus Politécnico, especificamente no Departamento de Educação Física, as características peculiares do campus não comportam facilmente essas iniciativas. Não há lanchonetes, ou algo desse segmento, onde os acadêmicos pudessem se encontrar nas proximidades.

Os tempos e espaços oferecidos para a vivência de atividades do contexto do lazer dos acadêmicos são restritos aos equipamentos não específicos de lazer institucionais, como quadras, campo de futebol, ginásio e pista de atletismo, nos quais, sobretudo, são desenvolvidas as aulas do Curso de Educação Física. No ano de 2023, houve, por parte dos estudantes, a organização de eventos esportivos, os quais tinham como propósito a disputa de equipes de acadêmicos, mas também, abriam espaço para a sociabilidade entre eles. Em um dos eventos, os docentes também participaram.

De acordo com autores contemporâneos, como Han (2023), vive-se atualmente na sociedade do cansaço, em que os próprios sujeitos cobram de si mesmos o que devem fazer

como obrigatório, não é mais a instituição ou outros sujeitos que fazem este papel, como se discutiu na análise social foucaultiana, em que os sujeitos eram disciplinados para se ajustarem às instituições e sociedade. Além disso, este é um tempo marcado por um tipo de violência que gera a superprodução, o superdesempenho, a supercomunicação. É um tipo de violência que não é mais viral, mas neuronal (afeta a forma de pensar das pessoas). Assim, é fundamental que seja recuperado o direito à preguiça, parafraseando Lafargue (1999), em que o trabalho e as obrigações deixam de ter um efeito desumano e desumanizador, para serem transformadas em elementos educacionais e de recuperação de valores, em prol do coletivo, da sociabilidade, para a manutenção da saúde humana.

Os agentes operacionais de formação e transformação do ser humano em uma sociedade podem estar associados a diferentes âmbitos, destacando-se na constituição formal do conhecimento, envolvendo as instituições como a família, a escola, o trabalho e a religião. Contudo, esses processos também ocorrem em ambientes não formais, associados ao lazer, ainda que as oportunidades de vivências possam se dar no ambiente escolar, ou em uma universidade.

É nesse sentido que se estabelecem as diretrizes da educação para e pelo lazer. Na natureza dessas diretrizes, estão agregadas as oportunidades de aquisição e vivência de aprendizados, cujos efeitos perdurarão ao longo da vida. Segundo evidencia Stebbins (2023), quando o lazer faz parte do cenário das universidades, ocorrem vantagens obtidas para a vida, considerando as oportunidades de alterações para estilos de vida mais ativos e saudáveis, bem como, amplificação da sociabilidade.

O mesmo autor ainda alerta sobre a evidência da precariedade de iniciativas de inserção e valorização da educação para e pelo lazer nas universidades pelo mundo, haja vista a primazia dada aos modelos formais de educação. Entretanto, também já são vistas algumas iniciativas de resistência nesse sentido, por intermédio dos próprios estudantes, buscando amplificar iniciativas capazes de dinamizar a valorização do lazer no espaço educacional, sobretudo, no nível universitário.

Conforme ressaltam Shalova, Korbut e Stavyska (2023), a educação informal, como a que é propiciada no contexto do lazer, representa uma tendência da educação na modernidade, haja vista sua importância como componente da educação ao longo da vida. Para essas autoras, a educação informal, a qual pode ocorrer também no contexto do lazer, não apresenta tanta rigidez de requisitos, como prazos, locais, horários, o que pode representar um caráter mais democrático, pela possibilidade de agregar mais pessoas nesse processo de aprendizagem.

Quando associada ao ambiente universitário, Shalova, Korbut e Stavyska (2023) ratificam o potencial da educação informal, também representada pela educação para e pelo lazer. Para eles, estas vivências representam oportunidades ímpares de obtenção de conhecimentos, de desenvolvimento de competências e habilidades relevantes, promovendo, inclusive, o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e o aprimoramento das habilidades sociais, com base no sentimento de pertencimento, na solidariedade, na dinâmica propiciada pela liberdade com comprometimento e responsabilidade e pela autonomia nas escolhas.

Não se pode mais limitar a educação aos anos iniciais do processo vital, ou ao aperfeiçoamento dos conhecimentos desenvolvidos em nível universitário. A evolução social exige atualizações e autoaperfeiçoamento constantes, bem como, a reciclagem dos próprios estilos de vida. Portanto, a educação informal, associada à esfera da educação para e pelo lazer, representam parte essencial desta revolução social vigente, sendo significativa e importante para ser vivenciada ao longo da vida e, sobretudo dentro das instituições formais de educação, como no caso das escolas e universidades.

Foi com base nesses pressupostos e na questão norteadora: quais as contribuições do slackline como uma prática de educação para e pelo lazer voltada a acadêmicos de Educação Física no ambiente universitário?, que nasceu a proposta de implementar uma atividade de extensão, como parte do Projeto “Lazer, educação e saúde”, no ano de 2023. A atividade escolhida foi o slackline e teve como premissa ações a serem desenvolvidas tendo como eixo norteador a compreensão do ser humano e suas possibilidades de expressão, como uma síntese dos aspectos culturais, biológicos, psicológicos e sociais, pautada na educação para e pelo lazer. Esta iniciativa se apresentou no sentido de intervir na sociedade, de maneira a garantir aos sujeitos o acesso a uma forma de aquisição de conhecimento, que poderá transformar suas relações com o mundo.

Portanto, este estudo objetivou analisar o slackline como atividade de extensão universitária voltada para acadêmicos dos cursos de EF – Bacharelado e Licenciatura, de uma instituição do sul do Brasil.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um estudo qualitativo. Segundo Minayo (1994), este tipo de investigação envolve significados, crenças, aspirações, que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os procedimentos metodológicos adotados foram baseados em revisão de literatura e observações assistemáticas da prática de slackline na universidade. Esse tipo de observação, segundo Marconi e Lakatos (2003), é também denominada de espontânea, simples, livre ou ocasional, por dar certa liberdade ao pesquisador para que possa fazer as observações de modo a não seguir critérios prévios ou com regularidade pré-determinada, aplica-se em estudos exploratórios. Esta técnica é especialmente importante para o presente relato de experiência, já que não se trata de uma pesquisa propriamente dita, mas uma tentativa de sistematização de dados, a partir dos fatos ocorridos no decorrer da própria experiência.

A amostra participante foi de 15 participantes, de um total de 811 discentes de graduação e pós-graduação do Departamento de Educação Física da UFPR, distribuídos em três sessões de prática da atividade de slackline. A primeira sessão foi realizada na semana acadêmica dos cursos de Educação Física – Licenciatura e Bacharelado da UFPR, em outubro de 2023. As outras duas sessões foram realizadas em sextas-feiras do mês de novembro de 2023, em período regular de aulas na universidade. Apesar da amostra significar apenas cerca de 2% da participação dos estudantes, este foi um número considerável, por se tratar da primeira oferta dessa modalidade, voltada a uma prática específica de aventura, inserida no cotidiano universitário, concorrendo com diversas outras atividades obrigatórias e não obrigatórias da instituição.

Para a revisão de literatura foi feita uma busca no *google* acadêmico sobre a prática do slackline e foram também sistematizados conceitos e categorias básicas do lazer e da educação para o lazer, a partir de obras de autores clássicos e contemporâneos. Para o tratamento dos textos foram utilizadas as cinco fases de análises de Severino (2007): textual, temática e interpretativa, problematização e síntese pessoal. A partir desses elementos textuais e das observações realizadas foi iniciada a análise qualitativa, de modo a analisar o tema investigado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível observar acerca da prática do slackline: 1) configurou-se como um espaço não-específico de lazer, 2) proporcionou aos estudantes a aventura de aprender a andar sobre a

fita, como, também, a demonstrar a aquisição de novas habilidades e 3) constituiu-se como ponto de encontro para as trocas sociais, amplificando a sociabilidade.

No tocante ao aspecto 1) Marcellino (2012) discute a categoria espaços específicos e não específicos de lazer, sendo os específicos aqueles espaços voltados em geral a prática de esportes ou às artes – ginásios, quadras, campos de futebol, teatros, museus, salões com exposições de fotografias etc. Já os espaços não específicos de lazer são aqueles espaços que não foram destinados a atividades do contexto do lazer, mas podem ser utilizados para esta finalidade. Assim, como exemplos, ruas podem ser transformadas em espaços de recreação, postos de gasolina em ponto de encontro de amigos e assim por diante. No caso específico do slackline, trata-se de uma prática que pode ocorrer tanto em espaços específicos de lazer como em parques públicos, por exemplo, como em espaços não-específicos de lazer, basta ter dois pontos de apoio para a colocação da fita.

No caso da experiência vivenciada com os acadêmicos da UFPR, o espaço utilizado foi não específico de lazer, em uma área entre a estrutura do Centro Acadêmico (uma pequena casa) e uma saída alternativa do campus, em área silenciosa e arborizada. Esse espaço escolhido foi conveniente também por não “atrapalhar” outras atividades realizadas simultaneamente, nas salas de aula que ficam em um prédio um pouco distante do local ou no ginásio que fica a alguns passos do Centro Acadêmico. Assim, foi o espaço escolhido para a colocação da fita de slackline pela, sendo que, em geral foram montadas duas fitas de fabricantes diferentes, em distâncias diferentes. Dessa forma, o praticante poderia perceber as dificuldades ou facilidades da prática em uma fita e em outra, sendo a mais distante mais difícil para se equilibrar.

Acerca do aspecto 2), os aprendizados foram ampliados, a partir das potencialidades das características desta vivência de aventura. Para os iniciantes o desafio foi se equilibrar na fita e identificar as diferenças entre andar sobre uma fita ou outra. Sempre motivados por algum colega que fazia o apoio, ajudando o praticante a se equilibrar na fita para que conseguisse dar ao menos alguns passos. Já os experientes utilizaram a fita como forma de aprimoramento e demonstração do que sabiam fazer, alguns mais ousados, procuravam ficar em diferentes posições, sentado ou em pé, foi feita a tentativa também de duas pessoas caminharem em posições opostas indo ao encontro uma da outra, transformando a prática do slackline em uma brincadeira de desafios. Os iniciantes também colocaram como desafio “medir” quem conseguia dar mais passos sobre a fita. Alguns estudos já têm apontado elementos de interface entre o potencial educacional das práticas corporais de aventura e o desenvolvimento de diversos aspectos pessoais e sociais.

Burns et al. (2023) propuseram uma metodologia pautada em aprendizagem informal, durante atividades em um acampamento de verão, com propostas de atividades de aventura ao ar livre. Os resultados desse estudo apontaram que as formas desafiadoras e interessantes dessas atividades promoveram o pensamento crítico e criativo, ratificando a potencialidade das práticas de aventura na educação informal.

Na visão de Strasser (2023), as experiências desenvolvidas na natureza propiciam uma aprendizagem realizada com todos os sentidos. A partir de uma vivência em uma reserva da biosfera no sul da Áustria, a autora resalta o valor da prática educativa informal, capaz de elevar os níveis de aprendizado sobre desenvolvimento sustentável, juntamente com outros aspectos relacionados à alteração positiva nos estilos de viver.

Sobre o item 3), o foco recaiu na sociabilidade, uma vez que o slackline se constituiu como fator motivacional como um ponto de encontro para as trocas sociais, amplificando a sociabilidade. O local se tornou um ponto de encontro dos estudantes, enquanto praticavam o slackline conversavam sobre assuntos da universidade e da vida pessoal.

Para Pimentel (2009), as atividades de aventura promovem o encontro com as incertezas ambientais e inúmeros desafios. Esses aspectos, os quais estão envolvidos na noção

de risco, na visão do autor, são, justamente, os que promovem as trocas simbólicas, de participação e de superação de desafios conjuntos, para a sobrevivência nas atividades. Com isto, os participantes elevam a noção de concretização coletiva, intensificando, consequentemente, os compartilhamentos e a sociabilidade.

A abordagem feita por Figueiredo et al. (2023) ressalta as relações familiares e sociais que ocorrem na prática de atividades de aventura na natureza. As autoras consagram a possibilidade de educação para e pelo lazer, quando as relações intergeracionais são intensificadas, além de evidenciarem o fortalecimento dos laços familiares, ampliando, inclusive a sociabilidade.

CONCLUSÃO

Conclui-se, com este trabalho, que o slackline é uma prática que não se define somente como esporte ou aventura, mas possui potencial para ser uma prática educativa e agregadora de pessoas, isso pode ser observado com base no interesse dos participantes durante as atividades, além da frequência assídua dos 15 participantes, os quais estiveram ativos e motivados para experimentar o corpo em equilíbrio/desequilíbrio e para as trocas sociais. Essa modalidade pode ser praticada em qualquer ambiente, por isso, ela é categorizada como espaço não-específico de lazer, já que, na experiência vivenciada de extensão universitária, o espaço vivenciado foi um ambiente ao ar livre, entre árvores e em local de passagem entre a entrada do Centro Acadêmico e uma saída alternativa do campus da referida universidade.

Os participantes foram diversos, acolhendo pessoas iniciantes e praticantes já mais experientes, os quais, juntos, puderam trocar experiências e modos de tentar equilibrar o corpo na fita de slackline. Além disto, tiveram a oportunidade de trocas de comentários sobre coisas do cotidianas dos cursos e do ambiente universitário.

O slackline, oferecido como atividade de extensão, cumpre com suas premissas de intervenção social, já que os acadêmicos poderão, futuramente, ampliar seus saberes, replicando o que aprenderam sobre o slackline para seus futuros estudantes, clientes ou interlocutores. No entanto, a prática por si mesma já é agregadora de valores para os acadêmicos, como elemento de vivência de novas aventuras e de sociabilidade, mobilizando emoções e favorecendo o convívio com o outro e com as diferenças, as quais se expressam a partir do corpo e das habilidades corporais.

Uma limitação da experiência de oferta da prática do slackline foi a sua representatividade em termos de participação, abrangendo 2% dos discentes de graduação e pós-graduação. Ainda assim, a prática dessa modalidade se mostrou relevante dentro do universo universitário, concorrendo com outras atividades obrigatórias e não obrigatórias.

O relato desta experiência poderá estimular outras reflexões, capazes de incentivar a promoção de novas vivências, em outros contextos, a partir de projetos ou atividades de extensão, em diferentes universidades do Brasil.

REFERÊNCIAS

BURNS, R. C.; JANOWICZ, L.; MOREIRA, J. C.; PIERSKALLA, C.; ANDREW, R.; SMALDONE, D. Adventure Recreation Camp: An Informal Education Methodology Used to Educate Youth. **Journal of Park & Recreation Administration**, v. 41, n. 3, p. 101-108, 2023.

CHUL HAN, B. **A sociedade do cansaço**. e-book kindle. 2023.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MARCONI, M. de A., LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PIMENTEL, G. G. de A. Risco e sociabilidade no voo livre. In: DIAS, C. A. G.; ALVES JUNIOR, E. D. **Em busca de aventura**: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2009, p.83-96.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. 1ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SHALOVA, N.; KORBUT, O.; STAVYTSKA, I. Informal education as an alternative for obtaining quality higher education in Ukraine in modern conditions. **Proceedings**: Sworld-US Conference. Seattle, 2023. p. 77-80.

STRASSER, S. A-M. Aprendizagem informal através da experiência da natureza: A prática educacional de ranger numa reserva da biosfera. **APeDuC Revista-Investigação e Práticas em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia**, v. 4, n. 1, p. 78-86, 2023.